



SETUBAL — BRANCANES.

Em alguns numeros d'este semanario (1) demos larga noticia da notabilissima villa de Setubal, uma das mais importantes de toda a monarchia, pela extensão do seu commercio, consideravel numero de habitantes, e formosura dos suburbios, em que talvez poucas possam vantajosamente disputar-lhe a primazia.

Fóra do recinto amuralhado, e a curta distancia da villa, encontra-se a casa, que outr'ora foi hospicio de missionarios, e depois da extineção de todas as ordens religiosas encorporada nos bens nacionaes, e vendida em hasta publica, constituindo hoje uma das mais agradaveis propriedades particulares d'aquelles contornos pela sua aprasivel situação.

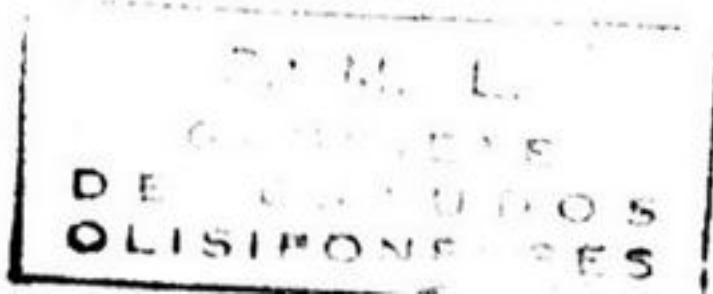
A 6 de março de 1680 tomou posse d'aquella casa ou hospicio, que do sitio em que fôra edificada (Branca-Annes) se ficou chamando — de *Brancanes*, o nosso bem conhecido e estimavel escriptor Fr. Antonio

das Chagas, da provincia do Algarve, e fundador do seminario do Varatojo, a um quarto de legua de Torres-Vedras, que era, como se sabe, dedicado á educação dos individuos que se destinavam ao ministerio do pulpito.

Dous monarchas portuguezes protegeram o novo hospicio de Brancanes: el-rei D. Pedro II, concorrendo com os meios necessarios para o seu estabelecimento; e D. João V, constituindo-se seu padroeiro e protector por alvará de 20 de agosto de 1713.

De uma construcção singela o mosteirinho de Brancanes não se distinguia nem pela architectura, nem pela magnificencia das decorações interiores e das alfaias e objectos do culto; era apenas uma casa de recolhimento, de oração e de estudo. Uma riqueza, porém, continha de inextimavel valor, e era um quadro da Annunciação de Nossa Senhora e apparição do anjo Gabriel, obra primorosa de Raphael d'Urbino, que actualmente se guarda com a necessaria cautella e devida estimação na Academia das Bellas Artes de Lisboa.

(1) Vejam-se os numeros 150 e 167 do 4.º volume da 1.ª serie, e o numero 15 do 1.º volume da 2.ª serie.



ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPÍTULO VI.

A rose tem espinhos.

Na tarde do terceiro dia depois de consummado o rapto, a bella captiva, encerrada no seu aposento, recolhia-se consigo mesma n'uma d'aquellas meditações longas, em que os olhos fitos não vêem, porque a alma gemente ou jubilosa vai longe, correndo atrás da saudade, do cuidado, ou da esperança. O braço de Maria Paes arredondava-se para sustentar a cabeça, pensativa, e pousada na mão tão alva e fina. A ansiedade e as dores do orgulho tinham-lhe impresso no semblante aquella morbida pallidez, que faz ressaltar o azul das veas na brancura transparente da tez. As languidas palpebras, quasi sem força de se levantarem, apenas deixavam escapar um luz frouxa da pupilla; e em volta dos olhos um circulo mais anilado indicava a fadiga, causada pela reacção do espirito, luctando com o infortunio.

Apesar de não ter já o viço da primeira juventude, em que a donzella começa a sentir e a mostrar, que é mulher, a dama de Lanhoso ainda conservava a flôr e a galla de uma formosura rica de seiva, pura nas fórmãs, e dotada do enlevo fascinante, que é o dom admiravel e raro de poucas bellezas. Vendo-a acreditava-se facilmente no seu imperio sobre a alma de Sancho I, e na paixão delirante de Gomes Lourenço.

As proporções airozas, o talhe esbello, e o garbo desaffectedo, que poucas mulheres possuem, animavam todos os seus movimentos, fazendo sobressair a elegancia e a graça natural, que os tornava seductores. Os cabellos eram pretos, e escapando-se em anneis profundos da réde de ouro e seda, que a custo os segurava, travessos e indiscretos vinham beijar-lhe o collo, e brincar soltos e ligeiros sobre o seio. Elevada e séria a fronte denunciava a vontade forte, e a resolução viril. O sorriso, mais apparente do que verdadeiro, fugia ao de leve pelos beigos, como se abrisse os rosas dos labios só para descobrir as pérolas entre os rabois, dando á bôca um zêito agradável, porém frio, que a observação desjeria meos cortante e mais sincero.

Pardos e luminosos os olhos no seu brilho, avelludados as veas pela netis enlevada brandura, sabiam o segredo de todos os affectos, e labéis em dissimular a aim, promettiam sem cumprir, e diziam muito sem falar. Verdadeiros não eram nunca senão quando os reflexos fulvos se accendiam nas linhas de ouro apenas perceptíveis, que os raiavam, despedindo reluzimentos, e secura a lóca, e descorada a face, se arrastava d'aquelle poder cruel que tem a ira da mulher, rasgando no coração as feridas do seu despreso, como as paixões se pinçavam n'elles vivas! e como o olhar, em o affecto se illuminavam de uma chama irresistivel!

Contemplando-a ninguém diria que admirava a lideza risonha e meiga da Venus Italia. A graça viril e o garbo magestoso, que respiravam as feições e o gesto, a lembrarrem alguma dos typos da formosura antiga, seria o da altiva Diana, a deusa dos bosques. No galope despedida, ao lado do seu real amante, quem avistasse a esbelta figura de Maria arredada no prazer da caça, livres as tranças pelos lombros, e o rosto e a vista, e o corpo na carreira em pingas amplas e safo verde bordado, parecia

como o filho dos Viegas de Salzedas, suspenso e captivado. Assim é que ella lhe apparecêra a primeira vez, n'uma d'aquellas tardes de abril, alegres e serenas, que fazem saudade de amar, e criam desejos de viver.

No meio do alarido dos pagens e da alegria das donzellas, que a seguiam, passou por Gomes Lourenço, e deixou cair dos beigos anhelantes, e dos olhos inflammados um sorriso vago, mas tão dôce, tão cheio de encantos! . . . Foi uma setta que a elle lhe ficou no coração. Tomado e indeciso ainda estava no mesmo sitio, quando já o sol desmaiava no horisonte. A vista preza na imagem fascinante, a alma escrava do impeto do nascente affecto, não viram não perceberam a solidão; achavam-se tão occupadas, tão entretidas! O som da buzina, os gritos dos monteiros, e o latir da matilha, iam-se afastando, aproximavam-se de novo, e tornavam a esmorecer, ora soando na corôa dos montes, ora affogando-se na quebrada dos vales, e o mancebo perdido do mundo, e no extasis da sua visão, com a fronte inclinada, ainda não caíra em si! As sombras do crepusculo e o frio da viração da noute, accordaram-no em fim. Um suspiro que lhe gemeu no peito; uma lagrima que lhe queimou nas faces, disseram tudo. Amava! E pelo cortejo com que a encontrava, e pelos ditos dos monteiros, sabia a quem amava. Por isso a pallida melancholia da ternura sem futuro, l'ahi em diante lhe desbotou o rosto, e lhe crestou a mocidade. Desde esse dia, por mais que se combatesse, foi vencido. Infeliz, a contar da primeira hora, nascendo entre o odio e a ternura, assim creceu e se fez paixão o seu amor. A inimidade, bebida no leite da infancia, e o orgulho indomavel da sua raça fundiram-se para sempre diante d'aquelles olhos, que eram tambem a ultima luz de Sancho I. O filho de Riba-Douro, o neto dos Viegas de Salzedas deixou de ser o mesmo homem. O pensamento unico da sua vida era estreitar ao peito a mulher, que o fascinava, e com ella nos braços esquecer-se do nome, da familia, e de Deus até!

De noute, os sonhos febrís e loucos mostravam-lhe de repente, não irada e altiva, como a temia, triste e compassiva, como a desejava. Que meiguice no sorriso! como a respiração vinha serena e suave beijar-lhe uma por uma todas as esperanças do amor, que a realidade tinha queimado! Fallava-lhe, prostrava-se-lhe aos pés, e não o repellia. . . Mais ousado pousava na mão, que o levantava, os labios inflammados; e depois da mão subia ao rosto. O peito não podia com a felicidade; o fogo d'este beijo ardia em chammas no coração! . . . Ao alvoroço, ao grito de jubilo, que lhe escapava d'alma. . . a illusão batia as azas, os sentidos tornavam a baixar do céu á terra, e acordando, tinha horror da existencia e chamava á morte amiga! E que todos os martyrios do crime e da ternura despresada pareciam rir junto do seu leito, apontando-lhe para o objecto dos seus extremos reclinado nos braços d'outro.

Assim correram os mezes, e passaram os annos. A amizade por Egas, seu irmão, fôra até ali o seu culto exclusivo, e tambem essa se despegou, como a ultima folha cêa a flôr. Condemnado a sumir silenciosamente as lagrimas, a esconder de todos o amor, e a desesperação, era entre os homens e no mundo apenas a sombra de si mesmo. Na vista, n'esse verdadeiro espelho do espirito, é que não morrêra. O que ella dizia muda; o que chorava sem prantos; e que no rapido fuzilar d'um momento sentia e revelava, não podiam entendel-o os que, vendo o cavalleiro de Salzedas tão differente, perguntavam se alguma fada lhe dera encanto, fazendo-o envelhecer de quarenta annos! O cuidado de Egas talvez sus-

peitasse alguma desgraça; o que não adivinha o coração de um irmão? Mas se adivinhou, soube guardar segredo.

E D. Maria? Não é possível ser mulher e ignorar muito tempo o estremo que nos adora em toda a parte. Por instincto, a irmã de Martin Paes foi a primeira que descobriu a melancholia do mancebo, e penetrou o motivo. Leu-a nos olhos fitos quando cuidavam escapar aos seus; esmorecidos e tímidos, apenas a vista de ambos se cruzava. Viu-a nas faces pallidas, que se rosavam subitamente de vivas côres se a encontrava. Tudo lh'a delatava: a ternura da voz, a hesitação dos olhos, a incoherencia das palavras. Em vez de reprimir, a dama animou com ligeiros agrados o incendio, em que se consumia o cavalleiro. Era orgulho; era calculo vingativo, e outra cousa talvez! Cedo teve de se arrepender. O primeiro fructo colheu-o em Avellans; o segundo, o peor, custou-lhe as eternas lagrimas do remorso.

No castello de Gomes Lourenço tudo isto lhe occorria. Nas mãos do homem, que escárnecêra, como se fosse o recreio das horas vagas, ultrajada e offendida, mais de uma vez luctou com a tentação de se precipitar sobre o leito de pedras do valle, que serpava por baixo das muralhas. Não menos altivo, o cavalleiro de Salzedas continha-se, e disfarçava o impeto da paixão. Nas curtas palavras que tinham trocado, ella poude notar a vontade imperiosa da aborrecida casa de Riba-Douro; e houve instantes em que uma duvida cruel lhe passou pela idéa, fulminando-a. O affecto, de que tinha querido zombar, seria um laço, como o falso agrado, o traçoieiro rizo com que ella o enganava? A vingança tomára as côres da ternura para ferir mais certa? Suppol-o era enlouquecer! Um rapto sem amor era a mais atroz das affrontas.

Estas sombrias reflexões foram a occupação de tres dias de captiveiro. Na tarde em que estamos porém, e antes do pôr do sol, ouviu cantar debaixo da sua torre, e com um alvoroço natural, debruçou-se para vér o menestrel: era o escravo mouro de seu irmão. Não se esqueciam d'ella. Lá fóra trabalhavam para lhe restituir a liberdade!

D. Maria repetiu as ultimas palavras da cantiga; e o pagem olhando para cima mostrou um ramallete. Creados por uma velha africana, os dous irmãos tinham aprendido com ella a poetica linguaagem dos jardins. O ramo subiu por um cordão, e com as mesmas flôres foi dada resposta. O servo apanhou-as; e logo depois desapareceu. D'ahi a pouco as sombras cresciam; e de vez em quando só é que se avistava de longe o vulto de algum pastor, encaminhando á pressa o rebanho pelo trilho das montanhas.

Os lyrios e as violetas desfolhadas nos dedos juntavam o chão, aos pés da dama de Lanhoso, absorvida em meditações profundas. No rosto immovel, na vista pasmada, parecia paralyzada a vida; e um sorriso vago tremia nos labios. O que sentia dentro era muito intimo, não se desaffogava com palavras. Às vezes os olhos fuzilavam com um relampago de odio, de esperanza, ou de terror; e logo amorteciam-se, caíndo as palpebras sobre as pupillas, e esmorecendo-se o seu brilho. Instantes depois abria-se a porta do aposento, e Gomes Lourenço apparecia aos umbraes. Um grito d'ella, um suspiro d'elle, e o mais completo silencio logo em seguida, disseram o que ambos sentiam, e talvez desejassem encobrir.

O saio escuro, o cinto e a capa da mesma côr estavam em harmonia com a pallidez do mancebo. Chegando ao meio da sala, ergueu a vista e fitou-a em D. Maria. Era lento, dôce e profundamente triste o seu olhar. A luz das tochas, que dous pa-

gens traziam, e metteram em attenção de ferro dispostos para as receber, ainda augmentava a melancholia da visita.

Porque tremou a irmã de Martin Paes? Ha pouco não pedia a Deus que lhe levasse o cavalleiro de Salzedas? Faltava-lhe o animo para o receber? Ella que tão de perto tinha estudado as paixões, e as fraquezas de tantos homens, que o mundo chamava grandes, porque não se atrevia a lêr na alma de um mancebo que não sabia enganar, que não queria fingir, e que no coração e na bôca só trazia um sentimento e uma palavra, o amor!

D. Maria receiava mais o fogo d'aquella paixão, do que os calculos pacientes do odio. O amor é de tudo o que mais custa a simular, quando os olhos que nos vêem o fallam, o choram e o adivinham!

E para ser livre, para se vingar, ella precisava fingir que amava mais, ou tanto como o mancebo desditoso.

Por isso tremia! Escapou-lhe até, quasi envergonhada, uma lagrima; e o seio ancioso palpitava que se viam mover as roupas. Quiz levantar-se, e os joelhos faltaram-lhe; quiz fazer um signal com a mão, e o braço parecia amortecido. Ia para fallar, e as palavras não se articulavam. Um deslumbramento repentino offuscava-lhe a vista.

Entretanto Gomes Lourenço olhava para ella com ineffavel ternura.

Sem luz nos olhos, sem côr nas faces, verdadeira imagem da afflicção, D. Maria representava-se-lhe mais bella do que no orgulho e em toda a gala da formosura.

Passado tempo n'esta adoração muda, o mancebo ajoelhou, e pousando um beijo na mão esquecida e fria, disse com um suspiro:

— « Meu Deus, que immensa dôr é amar assim! »

Quando este grito saía da alma do cavalleiro, ia ella recuperando todas as faculdades; e abrindo frouxamente os olhos, deixou fugir para elle a vista incerta, que o alvoroço da esperanza tornava radiosa. Depois um véu de timidez empanou-lhe o brilho; e o pranto furtivo pendeu das assedadas pestanas. Um sorriso, entre meigo e triste, adejou, sem as desabotoar, pelas rosas d'aquella bôca, de que o mancebo esperava ouvir severas queixas.

Gomes Lourenço, primeiro côr de purpura, fez-se depois branco de jaspe. Subjugado pela fascinação adoravel, não deu um passo, não disse uma palavra, não ousou sequer despregar a vista d'ella.

Nenhum dos dous fallava. O mancebo porque não podia; a dama porque ainda não ousava. Carecia antes de asserenar o espirito, e de medir os gestos e as palavras; porque uma de mais seria bastante para a perder. Em fim, magoada e correndo os dedos afilados pela testa:

— « Que mal faria eu, para chegar a esta sorte! exclamou ella; » e não esperando a resposta, accrescentou, sem fitar n'elle a vista receiosa: — « Quem me dissera isto n'aquelle dia á tarde! — não vos lembra talvez nem o sitio, nem a occasião! » concluiu, virando-se para o cavalleiro subitamente.

— « Lembra, senhora! Aquella tarde de abril, na coutada de Lorrvão, tem-me custado muita dôr e muitas lagrimas para que me esqueça! Os felizes é que perdem a memoria; e bem sabeis que o não sou, nem serei nunca! Bem ditoso fóra se tivesse esquecido! »

— « Era melhor para ambos, » acudiu ella entristecendo.

O mancebo córou. D. Maria insinuava-lhe que o seu amor só na apparencia era despresado. Dava-lhe a entender que, semelhante á d'elle, a sua ternura

tembra em silencio nos laços do dever, ou do receio. A vista, que veio ao mesmo tempo encontrar a sua, dizia tanto, que as palavras não diziam nada comparadas ao seu fogo. Gomes Lourenço accreditou. Não soube duvidar da unica esperança no fim de tantos annos. Se a experiencia e a suspeita lhe clamavam « não cedas: » o coração, cansado, sedento de illusões, ao menos precisava crer para existir. De que tinha horror era do estado em que se achava!

— « Melhor?! Sim! melhor fôra não nascer, do que penar esta vida, sem alegria, sem mocidade, e sem consolação. . . »

— « E se vos dessem esperança terieis fé? »

— « Se n'la dessem! Mas quem? »

— « Sois só no mundo? »

— « Hoje sou. »

— « Nem Deus vos lembra? »

— « Nem Deus, senhora! Nem vós. Não espero mais na morte. »

(Continúa)



FR. CAETANO BRANDÃO.

Fr. Caetano Brandão, honra e gloria do clero portuguez, nasceu na pequena freguezia de Loureiro, annexa á antiga reitoria de Avanca, no bispado do Porto, a 11 de setembro de 1740; foram seus paes Theodor Pe. Leez da Cunha, sargento-mór de ordenanças, e D. Maria Josefa da Cruz.

Frequentou Fr. Caetano os estudos proprios da primeira mocidade, ordinaria habilitação para as faculdades maiores, com singular assiduidade e aproveitamento. Já n'essa quadra a cordura e mansidão contracto, e a solidão de animo do moço escolar, começavam de revelar n'elle aquellas preciosas qualidades que o distinguiram no monachato, e que depois o immortalisaram no episcopado. Quando havia chegado á idade, em que, segundo os mais ardentes desejos de seus paes, devia partir para Coimbra a seguir a faculdade de direito, declarou-lhes que era sua vontade entrar no claustro: rogos, instancias, lagrimas, quantos meios empregaram para o desviar d'este intento, foram baldados: em suas respostas transbordava indifferavel, a par do mais profundo respeito, uma resolução decidida.

Seus paes cederam a final, e o mancebo tomou o habito de S. Francisco da terceira ordem da Penitencia, no collegio de S. Pedro de Coimbra, e n'elle professou a 28 de novembro de 1759, tendo então dezenove annos apenas.

Dotado de engenho prompto, incansavel no estudo, não tardou em fazer-se notavel entre os seus companheiros, recebendo pouco tempo depois, em premio da sua applicação e talento, o gráu de bacharel em theologia. De uma constituição summamente delicada, o fervor com que se dava á leitura e á meditação dos livros, e o modo escrupuloso e severo porque, apesar de dispensado, cumpria todos os deveres religiosos do instituto, influiram fatalmente na sua saude. Para evitar-lhe total ruina foi-lhe aconselhada mudança de ares, e residencia no convento da mesma ordem em Vianna do Alentejo, onde de feito passou algum tempo, que Fr. Caetano sempre considerou como o mais feliz da sua vida.

Ainda bem se não achava restabelecido foi chamado para reger a cadeira de philosophia e theologia, no convento de Jesus de Lisboa, e em 1777, tendo-se creado o collegio da ordem terceira de Evora, ordenou-se-lhe que fossé ahi exercer o magisterio, que honrara em Lisboa.

Absorvido nos cuidados litterarios, e na regencia da sua cadeira, o foi achar a graça da soberana, que o nomeára bispo do Pará, em 2 de agosto de 1782. Esta nomeação, que tão honroso testemunho dá do governo d'aquelle tempo, surprehendeu a admiravel modestia de Fr. Caetano Brandão: nas suas relações mais intimas nunca se lhe havia descubierto a mais leve mostra de ambição. Perturbado com a tão grave responsabilidade que lhe impunham, e que se não julgava com forças de assumir, pretendeu dimittir-se da nomeação que d'elle haviam feito: as sollicitações dos seus amigos e superiores o levaram a acceital-a: mas na primeira audiencia, em que a senhora D. Maria I o recebeu, depois dos usuaes cumprimentos, disse commovido: « Senhora, Vossa Magestade fica responsavel perante Deus pela escolha que de mim fez para indigno bispo do Pará. »

E assim o verdadeiro merecimento, que a modestia mais faz realçar; e n'isto se distingue essencialmente da mediocridade, que tudo ambiciona, e para tudo se considera sufficiente.

Por fins de agosto saíu Fr. Caetano Brandão de Lisboa com destino á sua diocese, onde chegou por meados de outubro, tomando posse do bispado com todas as solemnidades do estylo a 20 do mesmo mez.

Entrando na administração de uma tão vasta e tão importante diocese como era então a do Pará, procurou conhecer exactamente do estado do rebanho confiado á sua guarda e desvelos. O resultado das suas investigações não podia ser mais triste para a grande alma do novo bispo. Faltava quasi tudo: o clero, em geral, pouco instruido, era o escandalo de todos pela pouca ou nenhuma compostura de costumes; muitas parochias não tinham vigarios, ou eram indignos; o fogo da caridade estava quasi extincto; os desvalidos da fortuna raro tinham encontrado quem lhes enxugasse as lagrimas, e lhes procurasse minorar a miseria que arrastavam.

A tudo isto era necessario,urgia acudir com prompto remedio.

D. Fr. Caetano Brandão, conhecendo que a instrução e educação do clero era a necessidade a que, em primeiro logar, se devia olhar, entendeu na restauração de um excellenteseminario, onde, a par de um muito regular curso de estudos, que eram obrigados a frequentar, os seminaristas recebiam, sob a suprema direcção do bispo, a mais esmerada e christã educa-

ção. D. Fr. Caetano Brandão habilitava assim sacerdotes doutos e bem morigerados com que depois poderia prover as freguezias vagas, ou substituir no curato quem de tão santo ministerio considerasse indigno; porque, dizia elle prudente e sabiamente, em carta dirigida ao vigario capitular: «Estou persuadido que é muito menor infelicidade para a Igreja a falta de sacerdotes, do que ter um grande numero d'elles ignorantes e escandalosos. Julgue v. m. d'aqui quaes devem ser as minhas intenções sobre a recepção de novos ministros, e sobre a cultura e perfeição dos antigos.»

Os santos esforços de D. Fr. Caetano Brandão começaram de produzir os saudáveis fructos que esperava; o zêlo amortecido de muitos avivou-se; e começando só em tão difficil labor, viu-se em breve, pela sua propria diligencia, cercado de outros operarios tão ardentemente empenhados como elle na grande obra queprehendêra.

Não se esqueceu D. Fr. Caetano Brandão da pobreza da diocese, nem tão pouco dos enfermos, a quem a caridade negára até ali os soccorros indispensaveis. Para conseguir este importante fim julgou necessaria a fundação de um hospital. Mas aqui as difficuldades cresciam de ponto — não desmaiou, contudo; e recorrendo aos fieis paraenses, com aquelle fervor e sinceridade do coração que todos já lhe conheciam e admiravam, conseguiu, com admiravel brevidade, levantar as sommas necessarias para a fundação do dito hospital: são dignissimas de copiar-se as suas palavras, referindo a um amigo intimo o bom successo dos meios que sollicitamente havia empregado: «Puz em uma folha de papel o meu nome com cem mil réis de esmola, e deitêi-me a pedir pela cidade, acompanhado de uma grande parte do clero; é para louvar a Deus vêr a alegria e satisfação com que o povo concorre para esta obra... já se entra a trabalhar; com que espero em Deus de vêr os meus pobresinhos consolados dentro de pouco tempo: todo o mundo pasma de vêr como no pequeno espaço de um mez (que é desde que entrei n'este designio) tenho tirado tanto dinheiro, sendo a terra que é, pequena e pobre: porém Deus é quem tem movido os corações da gente, e o que tem feito tudo.»

(Continúa.)

APONTAMENTOS DE VIAGEM. (1)

UMA HISTORIA NO BUSSACO.

V.

AMAR com a virgindade dos primeiros affectos, entregar-se anhelante nos braços de uma mulher sem que através de suas feiticéas caricias pretenda a duvida descobrir o perjurio; ter diante dos olhos o horizonte illimitado da esperanza, vêr o mundo através de um kaleidoscopo brilhante; eis no que se resume para nós a completa felicidade; dura pouco... tanto como os dias das nossas illusões!

Paulo mais do que ninguem sentia isto tudo. Retirado do mundo dos quinze annos sem ter gosado nenhum dos seus prazeres, vivendo até aos vinte só com sua mãe no retiro de uma aldeia, passando os dias, ora lendo os poucos livros que possuia ou obti-

nha, ora caçando ou correndo a cavallo por aquellas campinas, como o Raphael de Lamartine adivinhava essas esperanças e desillusões, esse entusiasmo precursor do desalento, sem experiencias cruceis, esó pelas revelações intimas de um engenho prompto, profundo e ardente.

Todas as paixões jaziam adormecidas na sua alma. O mais tenue incentivo devia acordal-as, mas acordal-as energicas, impetuosas, fataes talvez para elle. Foi o que succedeu.

Desde essa tarde a imagem de Luiza, o som de voz com que ella proferira aquellas palavras, a expressão de seus olhos timidos e innocentes, acompanhavam-no sempre. Eram deliciosos, posto que extranhos, os sentimentos que lhe tumultuavam no espirito.

Poucos dias depois encontraram-se ambos sós á janella. A lua resvalava no firmamento desassombrada de nuvens, e a viração fresca do norte rumorejava pelos arbustos que orlam as margens tortuosas do rio.

Calados se conservavam havia largo tempo; mas que palavras seriam capazes de traduzir tão eloquentemente os affectos que os agitavam? Como as traduziria o olhar furtivo que de momento a momento lançavam um para o outro?

Luiza foi a primeira a romper o silencio.

Tambem singular circumstancia é esta; a mulher, por mais timida, por mais inexperiente que seja, quando está ao pé do homem que ama, tem sempre mil cousas para lhe dizer, em quanto elle — o de mais espirito ás vezes — procura debalde nos recursos da sua imaginação uma phrase, uma palavra, e não a encontra, ou se a encontra é ordinariamente uma sensaboria!

— «Agora, Paulo,» disse Luiza, «agora então está mais triste do que nunca; se eu soubesse o que era preciso para o não vêr assim!»

— «Diga-me o que faria?»

— «Tudo, fosse o que fosse, tudo...»

— «Menos...»

— «Menos o que?»

— «Menos amara-me, não é verdade, Luiza?»

— «Não.»

— «Então ama-me?»

Perturbada, tremula, com os olhos cravados no chão, proferiu, em voz quasi imperceptivel:

— «Amo-o.»

Paulo ao ouvir esta palavra magica apertou convulso as mãos de Luiza entre as suas. Com a adoração que se deve ás santas se fitaram os olhos do manco nos olhos d'ella, e assim se conservaram por largo tempo calados.

As flôres da campina, a lua e as estrellas que tremulavam brilhantes no firmamento, foram as unicas testemunhas d'aquelles protestos de amor; amor ideal como o dos anjos, casto como o das virgens, cheio de entusiasmo como o das santas.

VI.

Já alguém disse que a felicidade não tinha historia. Quem pôde descrever as sensações que se experimentam, quando dous olhares se correspondem com supersticiosa adoração? — Amar idealmente, perdidamente, e não haver barreira que obste a que dous entes que se amam assim vivam ao lado um do outro, é experimentar as dilicias do paraizo n'um volver de olhos, n'um estreito apertar de mão, n'um beijo voluptuoso e devorador.

Fresca bem como a rosa dos campos, innocente e alegre como a avesinha que esvoaça nos bosques, vi-

(1) Continuação de pag. 367 do 9.º vol. — 1.ª da 3.ª serie.

na ella ao cair da tarde esperar Paulo no adro da ermida, que ficava a poucos passos da casa.

Quando ambos se avistavam, com que arrebatamento, com que alegria corriam um para o outro! E ali, sem que a mais leve sombra viesse perturbar a sua felicidade se conservavam até que o sol escondendo-se no poente, e o solemne bater do bronze, dando o signal das *ave-marias*, lhes vinham annunciar o momento de se separarem.

Seis mezes decorreram assim: em todo esse espaço de tempo, nem um só dia deixaram de se vêr, nem um só instante de repetirem os juramentos que haviam mil vezes proferido.

VII.

Um dia Paulo foi a casa de Luiza; os acontecimentos de 1828 tinham-se succedido n'aquella semana.

O systema absoluto achava-se restaurado em Portugal.

Éra á noute. Luiza estava só na sala, e sentada ao piano quando Paulo chegou.

Pela primeira vez havia seis mezes tinham passado um dia todo sem se vêr.

— „Estava com cuidado em ti, Paulo, não vieste vêr-me hoje; fui á ermida, e não te encontrei. . .”

— „Perdôa, Luiza. Tive de ir á cidade: passei por aqui, mas era cedo ainda: não te pude vêr. . . Se soubesses que saudades tive. . .”

— „Devêras, Paulo? E eu! . . . pois se nós. . .”

— „Se nós não podemos viver um sem o outro! Não é verdade, Luiza, minha filha, minha querida filha?”

E pela primeira vez, o mancebo imprimiu um beijo nas faces frescas d'aquella angelica creatura.

Ella estremeceu ao sentir os labios ardentes do seu amante, e vermelha, agitada, com os olhos cravados no chão, e arrasados de lagrimas, ficou por instantes calada.

— „Luiza!”

— „Paulo!”

— „Então estás triste, filha?”

— „Estou; não sei porque; mas estou. . .”

— „Pois tens-me ao pé de ti e. . .”

— „Estava, antes de tu chegares: agora ja não, passou-me tudo; mas estava. Não sei que desgraça parece que me adivinha o coração. Éra por te não vêr de certo. Se eu não posso! . . .”

— „Não podes o que?”

— „Estar longe de ti, nem por um instante. . .”

Dizendo isto deixou cair a cabeça entre as mãos, e desatou a soluçar como uma creança.

— „Luiza, filha, porque choras tu assim? Olha que me affliges. Então? Vamos: não me tens aqui? que mais queres tu?”

E affastando-lhe as mãos do rosto, Paulo imprimiu outro beijo, outros beijos, n'aquellas faces inundadas de pranto, e cobertas de rubor.

— „Olha que pôde vir tua mãe, e vêr-te assim. Vamos, enxuga essas lagrimas. Bem: dá-me o teu lenço, quero guardal-o, Luiza.”

— „Não, não t'o dou;” disse ella olhando para Paulo com essa expressão de alegria innocente que transparece no rosto da creança que torna a si no meio do choro, sorrindo com a esperanza de vêr cumpridos alguns de seus desejos infantís.

— „Não m'o dás! Então porque, Luiza?”

— „Porque. . . ora bem sei que é uma loucura, mas que queres, não t'o dou, dizem que. . .”

— „Que quer dizer despedida. Valha-te Deus

creança;” e Paulo, puchando repentinamente por uma das pontas do lenço roubou-lh'o das mãos.

— „Como não fui eu que t'o dei. . .”

— „Visto isso não ha perigo então!” disse Paulo, rindo da ingenuidade d'aquellas pieguices, que tão naturaes e adoraveis são na mulher.

VIII.

Passaram-se quinze dias depois d'esta scena, que te acabei de contar. Um dia pela manhã veiu um criado a casa de Paulo com uma carta de Luiza; o papel estava humido de lagrimas, e continha, pouco mais ou menos, as seguintes palavras:

„Escrevo-te banhada em lagrimas, e cheia de afflicção. Dentro em muito poucos dias temos de nos separar um do outro. O papá, quando hontem chegou a casa, disse que haviamos de partir para Londres, em consequencia d'estas cousas politicas. Não imaginas como passei a noute. Vem immediatamente ter comigo ao jardim. A mamã sabe já que te amo; disse-lh'o eu. Oh! Paulo, tenho esperanza em ti; tu não me abandonas; seja como fôr, has de acompanhar-me. Vem, não te demores um instante. . .”

(*Continúa.*)

R. A. DE BULHÃO PATO.

BREVE E UTIL IDÉA DO COMMERCIO, NAVEGAÇÃO E CONQUISTA DA ASIA E DA AFRICA.

Mihi autem non minori curæ qualis
Respublica sit hodie, quam qua
futura sit.

CICERO — DE SENECTUTE.

Plano para formar uma companhia em Lisboa para o commercio de Moçambique, Gôa, costa de Malabar, costa de Coromandel, Bengala e China etc.

DESTAS fazendas se venderá parte em Madrasta, e o restante se levará no mesmo navio a Bengala para ali as disporem, e empregar o seu producto nas fazendas seguintes para consumo de Portugal, e suas conquistas de America.

Salitre, tincal, humums, cassas, bastas, dorias, mulmuls, jarras, abachis, bolsaquis, coupis, caridarís, dongris, dimitys de Dacca e de Balassor, dussiquesais, fotas, janjeb, lenços, sutrumals, eramasi, puchaquis de mulmul, sistemansais, chapa, bandana, chapa bomali, nansuhis, sanas, sussins, sarhat canas, sursaquers, jarindams, janjib de Decca Japonis, hamaramatis, coluna, hazari, e varias outras manufacturas de seda.

As fazendas de que se deve prover na costa de Coromandel para o consummo de Portugal, e suas conquistas são as seguintes:

Zuartes, corobandeis, cadêas de 19 covados, lenços de Mazulipatam, ventapolam, maganamam azuis, Madrasta, Pondicheri, paliacate, muslinas, parcal pintadas, socaton pintadas, cambraia pintada, muslina pintada, guingões de chammas e riscas de S. Thomé, Codlur e Porto Novo, pannos elefantes superfinos, finos e ordinarios, chitas de Madrasta e de Malmalong, cobertas, mouries, dimitys, pascaul, dorias, betilhas e muslinas.

Os navios que partem da Europa para a costa de Coromandel e de Bengala devem sair no mez de janeiro, para poderem chegar á costa de Coromandel no mez de junho; ali, depois de vender parte da

carga, deixando instrução aos feitores para empregarem o producto nas fazendas acima especificadas, partirá o navio com carga de sal para Bengala, para ali o venderem com o resto da carga da Europa, e o seu producto empregará em varias fazendas já especificadas, com as quaes partirá o navio de Bengala no mez de janeiro para Madrastra, onde receberá as fazendas que os feitores tiverem provido na costa de Coromandel, e d'essa costa partirá o navio no mez de fevereiro para Lisboa.

Além das fazendas que pertencem á negociação dos ditos navios, succede muitas vezes que os inglezes tenham fazendas para remetter a Lisboa, a frete de vinte por cento sobre a venda bruta da casa da India; motivo porque os navios que mandar para esta escala, não devem ser de menos de mil toneladas cada um.

O commercio da China é um dos ramos utilissimos a Portugal, tanto pela facilidade com que se pôde fazer por via do seu estabelecimento da cidade de Macau, como pela extracção, que se dá para os reinos estrangeiros, de quasi toda a carregação, que os navios d'este commercio trouxeram da China para Lisboa.

Um dos dous navios que são destinados para este commercio, deve partir de Lisboa no mez de fevereiro para ir em direitura a Macau, e outro navio deve partir no mez de abril para Gôa, e d'ahi partir no anno seguinte em março para Macau.

O navio que vae em direitura para Macau, não tem outra cousa que levar para a China que patacarias, e algum chumbo para o lastro, os quaes vendidos na China, se empregará o seu producto nas fazendas seguintes para consummo da Europa:

Chásanto, sihin, tonhay, bohe, congo, canfu, hyson, pico cholan, gobin, souchong e loching, cangas assucaradas e azuis, tutanaga, seda crúa de Nanchin e de Cantão, louças de varias qualidades, cannella, ruibarbo, pedrume, sedas manufacturadas de varias qualidades lisas e lavradas, varios trastes de charão e de cobre branco, almiscar, gamboguim, borax, raiz da China, alcanfor, galingal, hartall, sago e bottas.

O outro navio, que vae á China com escala pela costa de Malabar e Gôa, deve levar as fazendas seguintes para consummo de Surrate, Guzarate, Cambaya e Gôa:

Ferro em barras estreitas, aço, cobre em barrinhas pastas e folhas, chumbo em grão e pastas, enxarcias, lonas, ancoras e fateixas, alvaiade, vermelhão, pregos, pegas de artilheria e balas, cochonilha, açafão, espingardas com bayonetas, fios de ouro e prata, pannos superfinos e ordinarios de todas as cores, serafinas de todas as cores, zarcão, alcatrão e rezina, mastros, vinho da Madeira, de Carcavellos, de Bordeaux, Rhin, aguardente, vinho tinto de Lisboa, vidros, chapéus, chocolate, paños, chouriços, presuntos, marmelladas, ferragens de toda a qualidade, facas flamengas, polvora, cutanas direitas e curvas de 36 polegadas.

Vendidas as ditas fazendas na costa de Malabar, se empregará o seu producto em algodão, puchu, azas de tubarão, sandalo da 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a sorte, pimenta, aulhão, incenso, maçã de vacca, e o resto do cabedal em dinheiro, com as quaes cousas deve o navio partir para Macau no fim do mez de março, ou em abril.

Depois de vender as sobreditas fazendas em Macau se empregará o seu producto em varias fazendas da China, como vae já explicado no capitulo antecedente, com as quaes partirá o navio de Macau no mez de janeiro para voltar a Lisboa.

Em ordem a facilitar o commercio de Mogambique, e da Asia será preciso que a companhia estabeleça feitores em Mogambique, Surrate, Gôa, Madrastra, Calcuttá e em Macau, para estes disporem as fazendas que lhes remetterem de Lisboa, e para proverem as fazendas de que se ha de necessitar para formar as carregações dos sobreditos navios nos seus tempos competentes; porque seria impraticavel, que no pouco espaço de tempo que estes navios se pôdem demorar nos ditos portos, vendessem com commodidade as fazendas que levam, e provessem outras para formar as suas carregações.

Manifesta-se o negocio de Mogambique com a exacta relação de todos os seus dominios.

Na latitude de quinze graús da parte do sul está a ilha de Mogambique, a qual desde o principio do descobrimento da India serviu de escala aos navios, que d'este reino faziam a sua viagem para aquelle estado. O trafego e negocio foi de utilidade: é certo que tem padecido uma baixa grande; mas ainda se evidencia ser o melhor de que ha noticia.

Fazem os portuguezes aquelle commercio pelos navios, que de Lisboa ali portam, em os quaes transportam as suas mercadorias e as commutam por dinheiro, que ali só é provincial, e que lhes não serve para o extrahirem; mas sim os generos que tambem correm por moeda, que é ouro em pó, folheta e obra feita, ou marfim. Estas duas especies as carregam para o estado da India, para onde seguem sua viagem, e n'elle fazem os empregos de suas carregações, que transportam para o Brazil, Angola e Lisboa.

De Gôa se expede todos os annos um navio de Sua Magestade, em o qual a praça d'aquella cidade carrega as suas mercadorias, e vem fazer negocio á dita ilha; leva marfim, ouro, escravos, manna, tartaruga, e muitos outros generos.

Para a mesma ilha, e na mesma fórma se expede de Damão outro navio no mesmo tempo por conta do governador d'esta praça, o qual conduz por carregações fazendas da sua praça de Surrate, e dos portos da enseada de Cambaya, sendo os principaes Jambucer e Baunagar. Reputadas na ilha as ditas mercadorias se recolhe á sua praça com a carga de marfim, o qual dirige a Surrate, e portos da dita enseada de Cambaya, unico lugar onde se consumme para a distribuição por todo o reino de Guzarate: leva ouro, e poucos escravos.

De Dio tambem na mesma monção expedem para a dita ilha outro navio, o qual é da conta dos mercadores gentios d'aquella praça chamados Manzares. Este leva os mesmos effeitos, e de mais muita parte da carga é manteiga e azeite. O seu retorno tambem é como o que vae para Damão.

Frequentam a negociação de Mogambique os mercadores da Bahia e Rio de Janeiro, estabelecendo casas ali, e d'ellas expedindo navios para as illhas dos francezes com carga de escravatura, e para os portos da India com marfim, ouro e buzio, nos quaes reputado tudo, carregam de roupas, que lhes serve para se restituirem aos seus respectivos portos e cidades.

De Bengala algumas vezes tem vindo navios á dita ilha, e tem com pretexto feito n'ella negociação, trazem roupas, carros: levam as especies que lhes são de mais conveniencia, mas para elles o mtelhor é o buzio.

Quem com mais frequencia faz aquelle negocio são os francezes, os quaes todos os annos vão a Mogambique e illhas de Querimba. A estas sem pretextos, e com elle áquelle; introduzem patacas de Hespa-

na, louças de Bengala, armas e polvora, com outros generos da costa, e extrahem escravatura e buzio, algum marfim, e bastante ouro em obra, com cuja carga se recolhem ás suas ilhas de Bourbon.

Dos portos mencionados da India se expdem os navios no competente tempo das suas monções, que é por todo o mez de janeiro, e principios de fevereiro; de sorte que por meiado de março já estão recolhidos em Moçambique.

N'esta praça descarregam as suas fazendas, e d'ellas se formam as carregações que se expdem até ao meiado de abril, e em outros navios para os portos de Quilimane e Sofala, para que tenham tempo de fazerem seus empregos n'elles, e se recolherem no principio de agosto, pois a 20 do dito mez sem falta hão de partir d'aquella costa para os seus respectivos portos os navios da India.

(Continúa.)

SYSTEMA METRICO DECIMAL.

CHAMA-SE decimal ao systema metrico, porque nas suas divisões e subdivisões segue inalteravelmente a razão décupla. Procurando na natureza um prototypo, uma medida que pudesse universalmente adoptar-se achou-se que a *decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre* dava esta medida, que se denominou metro.

O systema metrico decimal, que é de uma simplicidade admiravel, funda-se na observação e nos estudos de muitos sabios respeitaveis, e foi decretado em França no anno de 1799 (19 *frimario anno VIII.*)

Posto que a sua adopção fosse de uma utilidade manifesta, o systema metrico, mesmo em França, encontrou bastantes contradicções, assim pela sua novidade, como pela pouca instrução que d'elle se dera ao povo: as guerras civis e estrangeiras que se seguiram ao seu decretamento, não permittiram por largos annos desenvolver e generalisar essa instrução. O rei Luiz Philippe, por uma lei datada de 4 de julho de 1837 ordenou que dentro em tres annos se puzesse em pleno vigor o decreto de 1799, sendo pela mesma lei revogado o promulgado por Napoleão, de 28 de março de 1812, em que fazia n'aquelle systema algumas modificações.

No Piemonte foi estabelecido este systema por Carlos Alberto, em 11 de setembro de 1845.

Na Hespanha foi auctorizado pela lei de 9 de julho de 1849: em Saxonia e Dinamarca acha-se tambem estabelecido, ou foi já decretado o systema metrico decimal.

Em Portugal muitas vezes se tentára introduzir a ordem no nosso inqualificavel systema de pesos e medidas; se assim se lhe pôde chamar: muitas comissões haviam sido nomeadas para estudar e resolver um tão interessante ponto da economia publica, e finalmente o governo, attendendo a esta que era sem duvida uma das mais urgentes necessidades da nossa civilisação, por decreto de 13 de dezembro de 1852, mandou adoptar o metro legal de França, como base do systema legal de pesos e medidas no continente do reino e ilhas adjacentes, ordenando igualmente que a nomenclatura do mesmo systema fosse tambem adoptada sem a minima alteração.

O novo systema de pesos e medidas só deverá estar em pleno vigor d'aqui a dez annos, isto é, em 1862: entretanto julgamos de interesse esta noticia, e as seguintes tabellas extrahidas do excellento livro

do sr. J. M. Nogueira, *Compendio estadístico, ou Resumo dos Elementos de Estadística de A. Moreau de Jonnés*, nota final. (1)

UNIDADES FUNDAMENTAES.

Metro = Unidade de comprimento.
Litro = Unidade de capacidade.
Gramma = Unidade de peso.
Are = Unidade de superficie.

Metro = Decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre.

Litro = Decimetro cubico, ou cubo d'uma decima parte do metro.

Gramma = Peso do centimetro cubico d'agua distillada, no maximo da sua densidade, ou peso d'um volume de agua pura igual ao cubo da centesima parte do metro.

Are = Decametro quadrado, ou 100 metros quadrados.

Os francezes adoptaram para exprimir os multiplos das quatro unidades fundamentaes do systema metrico decimal quatro vocabulos originalmente gregos: a saber:

Myria	10 000
Kilo	1 000
Hecto	100
Deca	10

Deste modo:

1 Myriametro exprime	10 000 metros
1 Kilometro "	1 000 "
1 Hectometro "	100 "
1 Decametro "	10 "
1 Myriagramma "	10 000 grammas
1 Kilogramma "	1 000 "
1 Hectogramma "	100 "
1 Decagramma "	10 "

etc. etc. etc.

Para se designar as diferentes subdivisões das respectivas unidades foram adoptados os seguintes termos:

Milli	= 0, 001	= Um millesimo
Centi	= 0, 01	= Um centesimo
Deci	= 0, 1	= Um decimo

Por consequencia:

1 Millilitro	= 0, 001	= Um millesimo do litro
1 Centilitro	= 0, 01	= Um centesimo do litro
1 Decilitro	= 0, 1	= Um decimo de litro.

No seguinte numero daremos varias taboas dos pesos e medidas actuaes portuguezas com as suas equivalencia pelo novo systema.

(1) Vende-se esta curiosa, e, para os empregados na publica administração, indispensavel obra, na livraria do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e na de Pereira, dita rua, n.º 188.